



ÍNDICE

Introdução	15
Peregrinar na Idade Média	19
O Início das Cruzadas	27
A Origem da Ordem do Templo	47
Os Papas e as <i>Bullas</i>	65
Os Fundadores e os Mestres da Ordem do Templo.....	89
A Regra da Ordem do Templo.....	107
Os Templários, Cavaleiros e Monges.....	113
A Vida de um Templário.....	113
O Capítulo.....	117
O Candidato – A Iniciação Templária.....	118
Os Votos de Castidade, Obediência e Pobreza	122
As Refeições e a Alimentação.....	123
O Descanso e o Começo do Dia.....	126
A Religião e a Oração	126
As Festas.....	129
As Vestes, o Uniforme e o Armamento.....	130
O Treino.....	140
Os Procedimentos em Campanha	141
O Combate	142

A Morte	147
As Mulheres e as Crianças na Ordem do Templo.....	151
A Hierarquia e a Organização Patrimonial da Ordem.....	157
A Frota Naval da Ordem do Templo.....	173
As Relíquias, as Lendas, os Mitos e as Curiosidades em Redor da Ordem do Templo	181
As Relíquias	181
A «Verdadeira Cruz».....	182
A «Coroa de Espinhos»	183
Cruz de Bronze	185
A Esponja Sagrada.....	185
A Santa Lança	185
O Santo Sudário.....	186
A Cabeça de S. João Baptista.....	186
Santa Eufêmia de Calcedónia	187
Santa Maria Madalena.....	187
São Gregório Nazianzeno.....	187
As Lendas e os Mitos.....	188
Óleo de Saydnaya	188
A Caveira de Sídon	188
A Arca da Aliança	190
O Santo «Grael».....	191
Os Dois Cavaleiros sobre a Mesma Montada	193
Cintos em Cordão	193
Baphomet	193
Números Sagrados	195
As Curiosidades.....	203
A Primeira Agência de Viagens.....	203
O Bilhete de Identidade	203
O Primeiro Cartão de Crédito / Letras de Câmbio.....	203
Contratos Futuros	203
«Quinze Podas»	204
«Hep Hep, Hurra»	204
As Esporas, Símbolo de Cavalaria	204
As Catedrais na Europa.....	205

<i>O Octógono</i>	206
<i>Seteiras Templárias</i>	206
<i>Santos Templários</i>	206
A Cruz, o Selo, o Alfabeto e o « <i>Beauceant</i> » da Ordem do Templo.....	209
O Fim da Ordem.....	219
O Caminho para o Fim.....	219
O Processo	226
A Morte de fr. Jacques de Molay	227
A Extinção da Ordem	228
Conclusão.....	229
Cronologia das Cruzadas e da Ordem do Templo.....	233
A Ordem do Templo no Reino de Portugal.....	435
Mestres Provinciais da Ordem do Templo em Portugal	443
Sedes da Casa-Mãe da Ordem do Templo em Portugal	457
Castelos, Comendas e Lugares de Portugal que Pertenceram aos Templários	461
Os Castelos Templários	461
Características Especiais do Castelo Templário	461
Comendas e lugares em Portugal.....	464
Cronologia da Ordem do Templo em Portugal	505
Ordem de Cristo, a Herdeira Provocada.....	631
Figuras Principais.....	635
Bibliografia	653
Glossário	661
Abreviaturas	667

caracterizar, identificar e perceber quais as normas de conduta, os compromissos e a vida desses cavaleiros, que se assumiam como freires combatentes. Há mais mistério do que certeza, existem mais leituras interpretativas do que testemunhos, há mais lenda do que história.

Os cronistas Guilherme de Tiro, na sua *Historia rerum in partibus transmarinis gestarum* [«História do Ultramar», 1167-1184], Jacques de Vitry, na sua *Historia Hierosolymitana* e Miguel, o Sírio, que era o patriarca de Antioquia, são algumas das fontes mais próximas e, aparentemente, as mais credíveis, para o estudo dos primeiros tempos da Ordem do Templo.

Guilherme de Tiro, uma das boas fontes de inspiração, apesar de não ser um adepto confesso da Ordem, nasceu em Jerusalém, por volta do ano 1130, já depois da Ordem do Templo ter sido fundada. Exerceu o cargo de chanceler de Jerusalém, entre 1174 e 1185 e foi a partir do que escreveu que se tornou, mais ou menos oficial, a versão de como tudo se originou. Sustentou a sua obra, compilada entre 1167 e 1184, nos registos anteriores de Fulquério de Chartres, com a sua *Historia Hierosolymitana*, de Alberto de Aix, com a sua *Historia Hierosolymitanae expeditionis* [«História da Expedição a Jerusalém»] e de Raymundo de Aguillers, na sua *Historia Francorum qui ceperunt Iherusalem* [«História dos Francos que Contemplaram Jerusalém»]. Baseou-se, também, em diversas fontes anónimas e nos arquivos do Reino de Jerusalém. Como não testemunhou pessoalmente os acontecimentos, carregou para o seu registo da fundação da Ordem do Templo a leitura que os anteriores haviam feito, tendo acrescentado, naturalmente, a sua visão das coisas. Espe- lhou, nos seus escritos, que dois homens profundamente religiosos, Hugues de Payens¹⁰, que era vassalo de Hugo I, conde de Champagne e Geoffroy de Saint-Omer, «se juntaram no caminho de Jerusalém». Há historiadores que afirmam que Hugues de Payens já havia acompanhado Hugo I, entre 1104 e 1108, na sua primeira peregrinação à Terra Santa. Esta versão afirma que, a eles, os dois cavaleiros referidos e impulsionados por uma enorme fé, se juntou um pequeno círculo de sete amigos: André de Montbard, que também era vassalo de Hugo I; Gundomar [ou Gondomar]; Godefroy; Rolando ou Roral; Geoffrey Bisol; Payen de Montdésir e Archambaud de Saint-Aignan. Todos com origem no Norte e Nordeste de França e com o anunciado único desejo de servir ao Senhor Jesus Cristo e à sua fé, sem quaisquer meios financeiros iniciais e com o propósito de defender os peregrinos que rumavam

¹⁰ O nome aparece, em diversas fontes, como *Payn*, *Payen*, *Payens*, *Pedanis*, *Paganus* ou *Pedano*. A utilização da designação da terra natal era a metodologia de atribuição do nome usada na época. Ele nasceu na vila de Château de Payns, perto de Troyes. Considera-se o seu nome na versão francesa: *Hugues de Payens*.



dos portos de Acre, Tiro e Jafa, para a cidade de Jerusalém, decidiram com o seu grupo, no total de nove cavaleiros, no Natal de 1117, criar, formal mas não oficialmente, uma comunidade religiosa-militar de monges-guerreiros. Nessa altura e numa fase embrionária, que terá origem no ano de 1114, presume-se que se terão associado numa espécie de confraria, com a denominação de «*Militia Christi*». Há registos disso, referindo que a Ordem já seria conhecida do Papa nesse ano. Pedro de Mariz¹¹ escreveu: «*Porque no tempo do Pontífice Pascoal II, no ano do Senhor de 1114, teve princípio a Ordem dos Cavaleiros Templários em Jerusalém, fonte e origem, de todas as mais Ordens de Milícia, que houve na Europa*».

Na Primavera de 1118, apresentam-se a Balduino II, o segundo Rei de Jerusalém, como *Frates militiae Templi* [«Pobres Cavaleiros de Cristo»]. Porque não possuíam igreja ou habitação própria, o rei instalou-os numa ala do seu palácio, num espaço contíguo à Mesquita de Al-Aqsa, erguida no lugar do Templo de Salomão, razão pela qual se passaram a denominar «*Pauperes commilitones Christi Templique Salomonis*» [«Pobres Soldados de Cristo do Templo de Salomão»]. A este seu espaço foi atribuída, por eles, a designação da «*caverna de S. João*». Não sendo Hugues de Payens um grande vassalo em posses ou fama, era um homem de classe média de nascimento, que dirigia uma pequena propriedade, fica a suspeição de que a sua presença perante o rei, só podia ter sido preparada por alguém muito mais «*importante*» do que ele.

Juntos, os nove, um pouco mais tarde, passaram a denominar-se Ordem Militar dos Cavaleiros Pobres do Templo de Salomão ou, simplesmente, Pobres Cavaleiros de Cristo ou, somente e como hoje são conhecidos, Cavaleiros Templários. Dedicaram-se, depois de expressos os votos solenes pronunciados perante o patriarca de Jerusalém, a proteger os caminhos dos seus perigos naturais, a defender os peregrinos dos arruaceiros e ladrões e a servir de cavaleiros ao soberano rei. Observaram os votos de pobreza, castidade e obediência e ficaram adstritos aos cónegos regulares do Santo Sepulcro. Apesar de estes viverem segundo a Regra de Santo Agostinho, é comumente aceite que os Templários terão adoptado a regra dos cistercienses para a organização da vida conventual. Isto é compreensível, dado que esta Ordem foi fundada perto do seu local de nascimento e a ela pertencia São Bernardo de Claraval. A Ordem de Cister foi regida pela Regra de S. Bento, que se inclinava mais para a disciplina, para a hierarquia definida, para a oração comunitária bem regulamentada e para um rigor absoluto no cumprimento dos horários de todas as tarefas e compromissos diários.

Nos escritos de Pedro de Mariz pode ler-se:

¹¹ Mariz, 1594.



dois Mestres mantiveram a sede da Ordem sempre no Oriente. A casa-mãe esteve instalada em Jerusalém até à sua queda. Depois transferiram-na para São João de Acre e, finalmente, para o Chipre, nunca para França.

MESTRES DA ORDEM DOS TEMPLÁRIOS

- *Primeiro Mestre da Ordem do Templo [1118-1136]*

fr. HUGUES DE PAYENS

Sobre ele sabe-se muito pouco. Terá nascido em Château Payns, que lhe deu o nome, na região de Champanhe, a cerca de doze quilómetros de Troyes, em França. A data do seu nascimento não é conhecida, sendo que se aceita que terá ocorrido entre 1070 e 1080. A primeira referência onde se evidencia o seu envolvimento é uma sua assinatura enquanto testemunha, em 1100, em duas cartas/escrituras do conde de Champagne. A sua família pertencia à Abadia de Molesmes, com parentesco com os Touilon e os Montbard. Pela família de sua mãe, era primo de São Bernardo de Claraval. Era um dos dois filhos do segundo casamento do seu pai, que tinha o seu mesmo nome. Oriundo de uma pequena localidade, foi durante muitos anos vassalo do conde de Champagne, Hugo I. Na época, a designação da terra natal integrava o nome, identificando-o com a sua origem. Num tempo em que a ortografia não estava, em absoluto, integralmente estabilizada, entre os séculos XII e XIII, foram encontradas, em sessenta e cinco documentos desse período, cerca de cinquenta formas diferentes de designar a zona e a vila de Payns. Foram encontradas designações como: «*Paaent, Peanz, Painz, Paieno, Pedannis, Pedannus, Painis, Paienz, e Paens*», entre muitas outras. Hugues é, muitas vezes, identificado como «*de Payens*», sendo esse o nome mais usado na língua portuguesa e é esse que aqui se utiliza. Guilherme de Tiro, por exemplo, chama-o de «*Hues de Paiens delez Troies*».

Afirmou-se, havendo dúvidas, que teria acompanhado o seu senhor na primeira peregrinação à Terra Santa, em 1104. Do que existem fundadas certezas é que, depois da morte de sua mulher, o terá feito em 1114 e lá permanecido, mesmo depois do regresso forçado à Europa de Hugo I. Era senhor de Montigny-Lagesse, tendo também terrenos na comarca de Tonnerre [Yonne] em Champagne sendo, por isso, considerado um homem da média nobreza. Casado, teve um filho, que alguns apontam ter sido abade do Mosteiro de Sainte-Colombe de Troyes, referindo outros que o abade foi um seu irmão. Há registos de que o seu filho, de seu nome Thibaut de Pahans, foi alvo de um processo, por haver empenhado uma coroa de ouro e uma cruz, pertença do clero, tendo por objectivo encontrar



o financiamento necessário à sua participação na segunda cruzada. Com um grupo de 8 cavaleiros, criou, formalmente, um grupo que denominaram «*Pauperes commilitones Christi Templique Salomonis*» e tendo jurado solenemente combater os inimigos da Fé Cristã, pronunciaram os votos monásticos tradicionais de Obediência, Pobreza, e Castidade a que acrescentaram os Votos de Armas, perante o patriarca de Jerusalém, Gormond de Picquigny. Nascia a Ordem dos Templários, com o primeiro objectivo de defender os peregrinos dos arruaceiros e ladrões, proteger os caminhos e servir de cavaleiros ao soberano rei. Compreensivelmente, viajou muito pela Europa, estimulando a adesão de novos cavaleiros à Ordem e incentivando os nobres a fazerem doações de terras, de bens e de dinheiro.

Hugues morreu na Palestina, com 66 anos, em Março de 1136, como primeiro Mestre da Ordem do Templo.

- *Segundo Mestre da Ordem do Templo [1136-1149]*

fr. **ROBERT DE CRAON**

Nasceu na região de Craon, sem data exacta fixada. Era o filho mais novo de Renaud de Craon, senhor de Craon. Depois de saber da existência da Ordem dos Cavaleiros Templários, anulou o seu casamento já agendado com a filha do lorde de Angoumois e deslocou-se da Aquitânia, em França, onde se tinha fixado, para a Terra Santa, onde foi acolhido pela Ordem. Afirmou o seu valor militar e a sua dedicação à Ordem e provou ser um excelente organizador, o que lhe proporcionou a escolha entre os seus irmãos para ser o sucessor de Hugues de Payens. Foi um Mestre que se distinguiu pela sua piedade e por ter sido um legislador de excepção, o que lhe permitiu transformar a Ordem numa grande força. Era pouco hábil nos assuntos militares, exercendo um papel mais diplomata, o que o levou a criar ligações próximas, directas, com os príncipes do Islão. Autorizou que uma expedição de cruzados espanhóis, com cerca de setenta navios, viesse à conquista de Lisboa. Esta iniciativa terminou numa derrota às portas da cidade. Foi no seu Mestrado que os templários passaram a usar permanente a cruz pátea vermelha sobre a túnica branca, à altura do peito esquerdo e sobre a capa, na altura do ombro esquerdo, que simbolizam a sua vontade de morrer e lutar pela Fé. Foi no se mestrado que o Papa Inocêncio II emitiu a Bula «*Omne Datum Optimum*» que tornou a Ordem independente de qualquer jurisdição eclesiástica. O registo da sua morte, no obituário de Reims, refere o seu óbito com data de Janeiro de 1147, havendo muitos outros registos que apontam o dia 13 de Janeiro de 1149.





Avignon, o palácio dos papas¹⁴⁵

12 DE NOVEMBRO DO ANO DA GRAÇA 1309

- Reúne a primeira sessão da Comissão Apostólica, no Mosteiro de Santa Geneveva, em Paris.

22 DE NOVEMBRO DO ANO DA GRAÇA 1309

- O primeiro Templário é ouvido na Comissão Apostólica, no Mosteiro de Santa Geneveva, em Paris.

26 DE NOVEMBRO DO ANO DA GRAÇA 1309

- Primeiro depoimento do Mestre da Ordem do Templo fr. Jacques de Molay, perante a Comissão Apostólica nomeada pelo Papa Clemente V, começando por referir que só falaria na presença do Papa, disse: *«Eu sou um pobre cavaleiro sem formação, só devendo falar na presença do papa, pela honra de Cristo*

¹⁴⁵ Foto Lídio Lopes.





A ORDEM DO TEMPLO NO REINO DE PORTUGAL

«[...] existe a história do Templo e a história da sua lenda. O historiador não se ocupa apenas do verdadeiro, ele ocupa-se igualmente do falso que se tem crido verdadeiro; ocupa-se também do imaginário e do sonho. No entanto recusa-se a confundi-los»

ALAIN DEMURGER¹⁵⁰

Portugal é, como já referido no capítulo que trata da fundação da Ordem, exactamente, um dos flagrantes argumentos para que se pondere, pelo menos, a formação informal da Ordem do Templo em França, num período anterior à sua fundação considerada como data oficial. Só assim se pode justificar a chegada a Portugal de fr. Guilherme Ricardo¹⁵¹, um cavaleiro franco, no ano de 1124 e só em Janeiro de 1127 é que fr. Hugues de Payens terá iniciado a sua viagem à Europa, quando ainda muitos consideram que seriam somente nove o número total de cavaleiros Templários existentes e exclusivamente sediados na Terra Santa.

A colisão de datas prossegue com o registo de doações e vendas, como se verifica no documento reproduzido, incluído no cartulário da Ordem de Cristo em 1122, da venda de uma propriedade na cidade de Braga, por dois morabitinos, a «*vobis iherosolimitani Templi militibus*» e das vendas registadas em 1123 e em 1125. Acresce a possibilidade da existência de uma carta, que alguns defendem existir, enviada pela rainha D. Teresa em 1124, com destino

¹⁵⁰ Demurger, 2005, p. 8.

¹⁵¹ Costa, 1771, p. 9. Aqui refere que fr. Guilherme Ricardo morreu a combater ao lado de D. Afonso Henriques na Batalha de Campo de Ourique, o que levava a data da sua morte que é apontada para o ano de 1128 para o ano de 1139.



França, país natal do seu marido D. Henrique, solicitando auxílio e apoio e oferecendo casa e emprego. Pode afirmar-se, sem dúvida, que o Conde era oriundo de uma poderosa família franca e com uma forte tradição de ligação ao movimento das cruzadas, tendo sido ele próprio um peregrino assumido e um defensor dos valores da cavalaria.

No entanto, a sua origem geográfica e, conseqüentemente, o ramo ascendente da sua família, é um assunto que divide os historiadores. Uns defendem que ele havia acompanhado no ano de 1087 o seu tio Raimundo de Saint-Gilles, um dos nobres mais ricos da Provença¹⁵², na cruzada em auxílio do imperador da Hispânia, promovida pelo Papa Urbano II. Outros, a maior parte, defendem que ele teria nascido em Dijon, pertencendo à família ducal da Borgonha. Seria, assim, um dos Borgonheses, também conhecidos como «*Burgundi*», «*Burgundiones*», «*Burgundo*», «*Burguinhões*», com a sua origem germânica na costa do Báltico. Em boa verdade, os primeiros a povoar a região foram os Celtas da tribo dos Gauleses, depois os romanos ocuparam o território e, mais tarde, vieram estes povos Germânicos denominados Burgúndios, que numa adaptação medieval oferece a deriva do nome para Burgúndia e Borgonha. A região, que só veio a incorporar por inteiro o reino francês no séc. XVII, foi inicialmente independente dos Francos. A Borgonha confrontava com a região de Champanhe e com as terras de Clavaival, onde São Bernardo viria a fundar a sua abadia no ano de 1115, três anos depois de ter ingressado na Ordem de Cister. Nesta proximidade territorial, na relação entre as famílias e no facto de não ser primogénito – era o filho mais novo, é que se justifica a sua relação com as cruzadas e a sua vinda à Península Ibérica, nesta versão da história, no ano de 1090. D. Henrique recebeu, mais tarde, em 1093, a mão de D. Teresa, filha ilegítima do Imperador Afonso IV de Leão e Castela com D. Ximena Moniz de Gusmão, como reconhecimento do sucesso obtido nos combates aos mouros. Em 1096 recebe, por doação, como dote hereditário, o Condado Portucalense, com o direito de poder transmitir aos seus descendentes o seu título, desde que prestassem homenagem e vassalagem ao rei de Leão. D. Henrique liderou o Condado Portucalense até à sua morte e D. Teresa, aproveitando-se das relações familiares e de conhecimento terá enviado a referida carta, sendo possível que, na sequência do envio dessa missiva e eventualmente em sua resposta, chegou, em meados do ano de 1124, fr. Guilherme Ricardo, que recebeu, em nome da

¹⁵² Há, de facto, uma enorme coincidência entre a bandeira da cidade portuária de Provença e a primeira Bandeira de Portugal. Os símbolos em bandeira não eram, nesta altura, muito utilizados. Consideravam-se mais os símbolos impressos nos escudos e o de D. Henrique, uma simples cruz azul sob um fundo de prata [branco], que era o mesmo de Raimundo de Saint-Gilles, veio a reflectir-se na primeira Bandeira de Portugal.



- D. AFONSO II, o *Gordo* – 1211-1223
- D. SANCHO II, o *Piedoso* – 1223-1248
- D. AFONSO III, o *Bolonhês* – 1245-1279
- D. DINIS, o *Lavrador* – 1279-1325

Os Mestres provinciais, em Portugal foram:

- **Fr. GUILHERME RICARDO**, Cavaleiro Franco, foi o primeiro Mestre Provincial da Ordem do Templo em Portugal, entre 1124/1125 e 1128, durante cerca de doze anos. Não se identifica a sua data de nascimento e da morte e desconhece-se o local onde poderá estar sepultado. Há historiadores que entendem ter sido o primeiro Mestre o cavaleiro fr. Raimundo Bernardo, aqui considerado o segundo. Foi o primeiro Templário a chegar ao condado portugalense, em Julho/Agosto de 1124, fazendo-se acompanhar de alguns cavaleiros. Recebeu as primeiras doações em nome da Ordem, em especial a de Vila de Fonte Arcada, no antigo concelho de Penafiel de Sousa, considerada a primeira sede da Ordem. Terá recebido como confrades da milícia, D. Teresa e D. Afonso Henriques e acolhido, enquanto Ordem militar religiosa, os filhos segundos e terceiros, das famílias nobres, aumentando com isso o número de homens disponíveis para o combate. As doações foram-se registando e o património da Ordem foi-se consolidando até à região do baixo Mondego. A incerteza do local onde estará sepultado permite lançar a dúvida sobre se teria regressado a França, o que é uma forte possibilidade.
- **Fr. RAIMUNDO BERNARDO**, Cavaleiro Franco, o segundo Mestre Provincial da Ordem do Templo em Portugal, entre 1128 e 1135. Fr. Raimundo integrou o primeiro grupo de cavaleiros que se apresentou no Condado, vindos de França. Dois meses depois do Concílio de Troyes, em 19 de Março de 1128, com reconfirmação solene dez dias depois, recebeu das mãos da rainha o castelo de Soure, para onde muda a sede da Ordem. Situado junto à estrada que ligava Lisboa a Coimbra, esta localização, aliada à doação de todas as terras que conquistassem a Sul, até Leiria, proporcionava ao condado uma organizada linha de defesa. Durante o seu mestrado, fazendo-se acompanhar dos seus cavaleiros, o mestre sempre acompanhou D. Afonso Henriques, que se fez membro da Ordem do Templo como irmão, no ano de 1129. Pretendia D. Afonso dar expressão ao seu agradecimento pela lealdade, entrega e prontidão da Ordem, que sempre esteve ao seu lado em todas as lutas, quer da reconquista, quer com Castela e Leão.



Não se identifica a sua data de nascimento, podendo afirmar-se que deixou o mestrado em 1135, tendo morrido às mãos dos sarracenos depois de ter sido feito prisioneiro. Desconhece-se o local onde poderá estar sepultado.

- Fr. **PERO FROIAZ**, o primeiro Cavaleiro Portucalense e o terceiro Mestre Provincial da Ordem do Templo em Portugal, entre 1135 e 1143. Não se identifica a sua data de nascimento, havendo uns que afirmam que a sua família teve origem na Galiza e outros em Leão. Sendo um segundo filho e havendo confirmação do prestígio e o poder de seu pai, já que integrava a corte de D. Afonso, é natural a sua vontade de se afirmar. O seu mestrado já é beneficiado, a seguir à eleição de entre os seus irmãos, pela confirmação real, neste caso do Infante D. Afonso que impôs, apesar de ser Irmão, um conjunto de regras para que a Ordem de instalasse em Portugal, entre outras: *«Combater os Mouros e coadjuvar o rei na guerra contra os infiéis [...] O Mestre Português só pode ser eleito com o assentimento do rei [...] Os Mestres eleitos tinham de prestar homenagem ao rei e ao príncipe e de jurar reconhecê-lo como seu senhor, depois do falecimento do seu pai»*.

Pode afirmar-se que fr. Pero morreu em 1143. Não é seguro qual o local onde está sepultado, havendo quem defenda que poderá estar na Igreja de Santa Maria da Alcáçova, em Santarém ou na abadia de Santa Maria de Alcobaça.

- Fr. **UGO MARTONIENSIS**, Cavaleiro Franco, o quarto Mestre Provincial da Ordem do Templo em Portugal, entre 1143/1155, escolhido por eleição em Capítulo e por confirmação régia. Foi o primeiro líder da Ordem a assumir a designação de Mestre em Portugal, até aí há o registo do uso do termo *«Procurador»*. Não se consegue identificar a sua data de nascimento. Foi um dos que integrou, em 1124, o primeiro grupo de cavaleiros que se apresentou no Condado, vindos de França. Foi no seu mestrado, em 1144, que o castelo de Soure foi tomado pelas tropas de Abu Zacharia e muitos dos seus irmãos foram mortos, sendo outros feitos prisioneiros. Já em Junho de 1145 recebeu de Fernão Mendes de Bragança, por doação, o edificado existente e o território de Penas Róias e os terrenos e o velho castelo de Longroiva e em 1147, juntando-se ao rei em Soure, tomou o castelo de Santarém num Sábado, dia 15 de Março. Seguiu-se o castelo de Lisboa e a fixação da sede da Ordem em Santarém. Pode afirmar-se que morreu em 1155, tendo ficado sepultado na Igreja de Santa Maria da Alcáçova, em Santarém.

